

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CRISTIANE DOS SANTOS
DANIELE DE JESUS FERREIRA

**A importância da afetividade no processo de ensino e
aprendizagem: 1º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais**

ALAGOINHAS - BA

2023

CRISTIANE DOS SANTOS
DANIELE DE JESUS FERREIRA

**A importância da afetividade no processo de ensino e
aprendizagem: 1° ano do Ensino Fundamental - anos iniciais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Santíssimo Sacramento, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciadas em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Ariel Dantas Barbosa

ALAGOINHAS - BA

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

F838i Ferreira, Daniele de Jesus

A importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem: 1º ano do ensino fundamental – anos iniciais / Daniele de Jesus Ferreira; Cristiane dos Santos. – Alagoinhas, Ba: [s.n.t.], 2023.

41 f.

Monografia (Graduação) – Curso Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Santíssimo Sacramento, 2023.

Orientador : Prof. Ariel Dantas Barbosa

· Afetividade – Processo de ensino e aprendizagem 2. Ensino fundamental – Séries iniciais I. Barbosa, Ariel Dantas II. Santos, Cristiane dos III. Faculdade SS Sacramento IV. Título

CDU: 37.046.1

Bibliotecária : Iza Christina : CRB : 5/ 1042

CRISTIANE DOS SANTOS
DANIELE DE JESUS FERREIRA

A importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem: 1º ano do
Ensino Fundamental - anos iniciais

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade Santíssimo
Sacramento, como parte das exigências para
a obtenção do título de Licenciadas em
Pedagogia.

Aprovadas em: 03 de março de 2023

Prof. Me. Ariel Dantas Barbosa

Prof^ª. Esp. Jeanne Magali Leal Dantas

Prof^ª. Dra. Juliane Costa Silva

“Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência”.

Jean Piaget

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar de que forma as interações professor e educando interpeladas pela afetividade podem potencializar as relações entre o educando e o objeto de conhecimento, pensando especificamente nas relações afetivas que são estabelecidas entre docente e discente na sala de aula, e como elas podem interferir diretamente na aprendizagem. Para o seu desenvolvimento e buscando responder: Em que medida a afetividade interfere no processo de ensino e aprendizagem em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais? Baseado na abordagem qualitativa descritiva, de caráter bibliográfico para a qual utilizamos como principais teóricos os (as) autores (as): Leite (2006); Leite e Tassoni (2002); Tassoni (2000; 2008); Freire (1987); Morales (1998); Wallon (1995); Libâneo (1990; 1994) e Caldeira (2013), bem como, documentos, leis, resoluções e decretos publicados pelo Ministério da Educação e Cultura, com a finalidade de embasar a ideia de que a afetividade é figura constante em todos os processos do fazer pedagógico desde a seleção dos conhecimentos escolares, o planejamento, a escolha das abordagens à execução do fazer docente, situações essas dentro da relação didática, mostrando assim que o caráter afetivo não pode restringir-se apenas “as dimensões mais relacionais”. Não obstante, considerando que a educação é uma ação dinâmica e em cada turma, nas diferentes etapas de escolarização, a afetividade poderá ser expressa de formas distintas, ser mais tátil, reforço oral ou se utilizar de meios mais especializados, como é o caso da orientação didática, isso vai depender das características do grupo atendido, bem como o nível de complexidade dos conteúdos escolares e o desenvolvimento biológico do discente.

Palavras-chave: Afetividade; educação; aprendizagem; professor-aluno.

ABSTRACT

This research intends to verify how the calm teacher and student challenged by affectionateness can enhance the relationship between the student and the object of knowledge, specifically thinking about the affectionateness relationships that are protected between teachers and students in the classroom, and how they can directly interfere with learning. For its development and seeking to answer: To what extent does affectionateness interfere in the teaching and learning process in classes of the 1st year of Elementary School - initial years? Descriptive qualitative approach, bibliographic in nature, for which we used the following authors as the main theoreticians: Leite (2006); Leite and Tassoni (2002); Tassoni (2000; 2008); Freire (1987); Morales (1998); Wallon (1995); Libâneo (1990; 1994) and Caldeira (2013), as well as documents, laws, accept and decrees published by the Ministry of Education and Culture, with the purpose of supporting the idea that affectionateness is a constant figure in all processes of the doing pedagogical work from the selection of school knowledge, planning, the choice of approaches to the execution of teaching work, these situations within the didactic relationship, thus showing that the affectionateness character cannot be restricted to just “the most relational dimensions”. However, considering that education is a dynamic action and in each class, at the different stages of schooling, affection can be expressed in different ways, be more tactile, oral reinforcement or use more specialized means, as is the case of didactic orientation, this will depend on the characteristics of the group attended, as well as the level of complexity of the school contents and the biological development of the student.

Key-words: affectionateness; education; learning; teacher and student.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 METODOLOGIA.....	14
3 A AFETIVIDADE.....	15
3.1 Relação afetiva professor e estudante.....	20
4 ENSINO E APRENDIZAGEM.....	23
4.1 A educação e a importância do mediador.....	28
5 AFETIVIDADE SOBRE UMA NOVA PERSPECTIVAS: 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A formação humana é uma ação complexa, pois o humano é um ser plural. E no contexto escolar, para potencializar as competências e habilidades do educando, os profissionais da educação precisam entender que estão lidando com o indivíduo integral, corpo, mente, dimensões culturais, sociais e históricas que influenciam no desenvolvimento do sujeito (BRASIL, 2018).

Entre os fatores presentes no processo de ensino e aprendizagem a afetividade tem marcado seu espaço nas ações desenvolvidas em sala de aula por admitir que a educação é uma prática social produzida pela interação humana na manutenção da vida, logo, ainda que a escola tenha como um dos principais papéis a reprodução dos saberes historicamente construídos pela humanidade em tempos e espaços diversos, as ações que nela se desenvolvem são carregadas de vínculos afetivos (ARANHA, 1990).

Portanto, a comunicação afetiva se mostra como um elemento essencial no ensino e aprendizagem, pois os patrimônios materiais e imateriais elaborados pelos diferentes grupos humanos, veiculados pelas instituições escolares, trazem marcas, valores das distintas sociedades e suas culturas dando identidade e significado ao que é estudado pelo discente ajudando assim na compreensão da realidade (CASSOL, 2005).

Neste sentido, é crucial compreender e refletir sobre esta temática considerando que a afetividade entre o professor e educando é de extrema relevância na aquisição de conhecimentos reproduzidos na sala, além de favorecer o desenvolvimento das crianças em seus aspectos cognitivos, sociais e psicológicos, bem como, o aprimoramento das suas habilidades. Visto que “[...] não separa a cognição e a afetividade na sua busca pela formação de cidadãos éticos, felizes e conscientes de seu papel na sociedade” (ARANTES, 2003, p. 110).

Diante disso, esta pesquisa foi desenvolvida através de referências bibliográficas como teses, livros, artigos e periódicos que foram utilizados fundamentalmente para discorrer sobre a problemática que consiste em responder a seguinte pergunta: Em que medida a afetividade interfere no processo de ensino e aprendizagem em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais?

A escolha dessa fase da Educação Básica, surgiu de uma experiência vivenciada no estágio não obrigatório em uma turma do 1º ano do Ensino

Fundamental - anos iniciais, onde notou-se que no ato de ensinar e aprender a ausência do elemento afetivo resultava em conflitos entre o educador, educando e os saberes institucionalizados, por não existir a preocupação na adaptação das abordagens didáticas às particularidades do grupo atendido e também por não levar em consideração a transição entre as duas etapas, Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Estas questões evidenciam que as ações desenvolvidas em sala de aula não estão sob influência apenas dos conhecimentos curriculares estabelecidos para essa etapa da educação. Todavia, para a consolidação dos saberes e progressão do educando, é preciso reconhecer a criança como um ser social e histórico com características próprias, e que seu desenvolvimento nos diferentes aspectos ocorre de forma processual e não de maneira automática, precisando de tempo e estímulos adequados (ARIÈS, 1981).

Logo, como um dos fatores que influenciam esse processo, defendemos que a afetividade favorece o interesse dos educandos pela busca e prazer na assimilação de novos aprendizados, além de promover um ambiente mais acolhedor onde todos os envolvidos sentem que estão participando ativamente no ato de aprender. Tassoni diz que “[...] toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vinculador.” (2019, p. 3).

Tendo isso em vista, o trabalho tem como objetivo identificar a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem em turmas do 1º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir de estudos bibliográficos. Refletindo desse modo, sobre a forma que as interações entre professor e estudante interpeladas pela afetividade podem potencializar as relações entre o educando e o objeto de conhecimento. Pensando, especificamente, as interações afetivas que são estabelecidas entre docente e discente na sala de aula, e como estas, podem interferir diretamente na aprendizagem.

Pretendendo fomentar essas questões temos como objetivos específicos: conceituar a afetividade problematizando sua importância no aprendizado dos estudantes, assim como, analisar a partir de textos bibliográficos, como a afetividade contribui para o processo de ensino e aprendizagem e entender como a afetividade influencia nas relações entre o educando e o objeto de conhecimento. Compreendemos que nessa etapa educacional, a interação entre os alunos e os professores é um fator importante para que o ambiente da sala de aula seja

harmonioso e agradável, possibilitando uma maior interação entre as partes envolvidas, e conseqüentemente proporcionar uma melhor aprendizagem para os educandos.

A afetividade assume um papel importante nas relações que são estabelecidas dentro da escola, os professores e os alunos vivenciam no seu dia a dia algumas questões e situações que os afetam, perpassando a didática do professor e indo além da mesma. Com isso, devemos pensar e reconhecer que um estudante é um ser humano que ao se relacionar socialmente com outros indivíduos adquirirão novos conhecimentos e valores que são fundamentais para seu desenvolvimento e convívio em sociedade.

Na escola os indivíduos passam por diferentes etapas educacionais que são fundamentais para o avanço das habilidades e aprendizagens no processo de ensino e aprendizagem, inicialmente são inseridos na Educação Infantil que está voltada para o desenvolvimento da coordenação motora, reconhecimento das letras, cores e números, entre outros aspectos e conhecimentos prévios essenciais para seu desempenho na próxima etapa educacional que é o Ensino Fundamental cuja função é “[...] proporcionar condições adequadas que possibilitem o bem estar e o desenvolvimento integral da criança em seus diversos aspectos” (SEMED, 2015, p.114).

Ao ser inserida nesta etapa, as crianças podem passar por um momento de incertezas e insegurança que os afetam emocionalmente, socialmente e também na sua aprendizagem. Sendo assim, a escola e os docentes devem promover “[...] um acolhimento afetivo que garanta segurança e pertencimento à nova organização escolar [...] tarefa a ser desenvolvida por toda a equipe, tanto da instituição de origem como da instituição de destino” (PARANÁ, 2018, p. 219).

Nas turmas do 1º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a afetividade assume um papel significativo no processo de transição entre as duas etapas da educação básica, a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Assim sendo, este elemento é um fator positivo para que as mudanças sejam bem aceitas, sendo preponderante na não fragmentação, descontinuidades das aprendizagens adquiridas no ciclo anterior.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta que:

Para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, é

indispensável um equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico (BRASIL, 2018, p.53).

Os professores devem buscar a melhor maneira de acolher seus alunos, ademais observar seus gestos e seu comportamento em sala e fornecer a eles acolhimento, respeito às suas diversidades e o apoio que eles tanto necessitam nesse momento para dar continuidade no processo de aprendizagem. Além disso, transmitir confiança e segurança para essas crianças, de forma a propiciar um ambiente atraente e estimulante.

Para tanto, é preciso considerar que as crianças são sujeitos sociais que necessitam estar inseridos em ambientes que contribuam para vivências afetivas, seja com seus familiares, amigos ou no ambiente escolar. Estes vínculos são responsáveis por criar laços mais fortes e duradouros. E a escola por complementar a ação da família e da comunidade, visto que, seu ambiente busca contribuir para a formação integral dos educandos, para que estes aprendam e adquiram habilidades e competências que posteriormente serão refletidas nas relações desenvolvidas ao longo da sua vida.

Dessen e Polonia destacam que:

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e a apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já na família os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo (2007, p. 22).

Desta maneira, é de suma importância pesquisas que apontem sobre a relevância dos vínculos afetivos entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Mediante a isto, deve-se explorar os saberes dos estudantes, contextualizando os conhecimentos científicos com as suas experiências, mostrando que tais ações também são formas de respeitar as particularidades do outro.

Tal condição é indispensável para tornar a aprendizagem significativa, refletindo nas tomadas de decisões, desde o planejamento dos conteúdos, bem como, durante todo o processo avaliativo, pautado em um olhar sensível do professor para a formação proficiente dos educandos.

Leite e Tassoni afirmam que:

A afetividade está presente em todas as principais decisões de ensino assumidas pelo professor, constituindo-se como fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares. A natureza da mediação, portanto, é um dos principais fatores determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre o sujeito e o objeto do conhecimento (2006, p. 20).

Como observado acima, a afetividade possibilita aos estudante condições favoráveis para o seu desenvolvimento intelectual de forma ativa, fornecendo a estes sujeitos experiências e vivências que podem refletir positivamente na sua vida em sociedade, para tanto a escola necessita perder esse sentimento de imposição em que o indivíduo não se sente como parte ativa do processo. Mas sim, é preciso, “[...] olhar a criança como ser concreto e corpóreo, uma pessoa completa” (GALVÃO, 1995, p. 111-112).

Além de proporcionar uma convivência sadia no contexto educacional, as colaborações da afetividade tornam-se aliadas de bons resultados para o fortalecimento, não somente da relação do professor-aluno, mas principalmente propiciar condições favoráveis para o avanço educacional dos estudantes. Sendo assim, “[...] a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais” (ANTONINO; VIGAS; PEIXOTO, 2012, p. 56).

Com esta preocupação, este trabalho é resultante de leituras, discussões e reflexões que dão subsídios para discorrer sobre as questões inerentes à pergunta problematizadora e dos objetivos aqui propostos. Além de conceituar a afetividade e ressaltar a sua importância no processo de ensino e aprendizagem e como estas relações afetivas entre professores e educandos influenciam neste processo e na aproximação dos educandos com o objeto de conhecimento nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais.

O estudo se ampara em pesquisas e autores da área da pedagogia e psicologia, assim como documentos oficiais da educação. Como também, nas indagações, questionamentos e reflexões que foram expostas ao longo do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Santíssimo Sacramento.

2 METODOLOGIA

A metodologia que foi empregada neste trabalho tem como objetivo fornecer parâmetros, orientações e normas ao longo do seu desenvolvimento possibilitando não só que a sua descrição ocorra de forma detalhada, mas também especificar quais foram os métodos utilizados e os procedimentos adotados para a coleta e análise de dados, fundamentais para o direcionamento e realização dessa investigação. Como parte fundamental da pesquisa, a metodologia visa responder ao problema formulado e atingir os objetivos do estudo de forma eficaz, com o mínimo possível de interferência da subjetividade do pesquisador (SELLTIZ; WRIGHTSMAN; COOK, 1967).

Para a sua realização foi imprescindível a adoção de instrumentos que auxiliaram nas discussões construídas em torno do objeto de estudo o qual foi elaborado a partir da problemática pesquisada. Segundo Minayo (2010, p. 46), a metodologia é “mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetos de estudo”.

Por conseguinte, para a análise dos objetivos deste trabalho realizamos um estudo de caráter descritivo, sendo um instrumento para apresentar os fatos e fenômenos que possibilitem a compreensão da temática descrevendo como a afetividade influencia no processo de ensino e aprendizagem, principalmente nas turmas de 1º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental e que mostrem a sua importância no contexto educacional. De tal maneira, Gil afirma que “as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (1991, p. 46).

A autora Godoy diz que “(...) Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento de fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada” (1995, p. 65). Na pesquisa qualitativa, o pesquisador deve investigar os dados e se posicionar de forma crítica acerca das indagações levantadas por meio da problemática.

Portanto, a autora Minayo destaca que na pesquisa qualitativa que:

[...] o importante é a objetivação, pois durante a investigação científica é

preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada (2008, p. 44).

Sendo assim, a abordagem é de cunho qualitativa, pois busca analisar e interpretar as informações e os dados do tema de forma mais detalhada possível, a fim de proporcionar a compreensão de aspectos importantes e responder os questionamentos propostos dessa pesquisa, enfatizando as discussões relacionadas no que diz respeito à afetividade e sua importância no processo de aprendizagem.

Como procedimento utilizamos a pesquisa bibliográfica, a qual consiste em fazer um levantamento a partir de dados já existentes presentes em periódicos, artigos, livros etc. Sendo necessário que o pesquisador selecione as fontes que serão utilizadas para apoiar as discussões. Pois, “[...]é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Como embasamento teórico utilizamos autores como Leite (2006); Tassoni (2002); Tassoni (2000; 2008); Freire (1987); Morales (1998); Wallon (1995); Libâneo (1990) e Caldeira (2013), entre outros autores com trabalhos mais recentes, assim como, documentos referenciais da área da educação que abordam sobre o tema abordado, através desses dados buscaremos compreender em quais ações a afetividade se fundamenta, e, conseqüentemente, quais são as suas contribuições para o envolvimento e desenvolvimento educacional dos educandos.

No primeiro momento buscamos conceituar a afetividade, e a relação afetiva entre professor e estudante, em seguida discorreremos sobre a contribuição da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, bem como a importância do mediador. Por conseguinte, fizemos a discussão dos dados coletados mediante o confronto de algumas das referências bibliográficas utilizadas na construção do trabalho com a finalidade de responder a questão problema aqui proposto. Nos aportes teóricos utilizamos 5 (cinco) documentos normativos e orientadores do processo educacional, 3 (três) nacionais e 2 (dois) locais, 35 (trinta e cinco) livros, 4 (quatro) monografias, 1 (uma) tese de doutorado e mais 23 (vinte e três) documentos, entre eles periódicos e artigos, publicados em sites e revistas on-line, para embasar e explicitar as ideias aqui expostas.

3 A AFETIVIDADE

Em decorrência das mudanças ocorridas pela sociedade em diferentes épocas, a concepção de criança e as relações afetivas foram se modificando. Ariés afirma que “A criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim, homens de tamanho reduzido.” (1981, p.18).

A presença de emoções e a afetividade não eram levados em consideração nas relações que os adultos tinham com elas, nota-se a existência da discriminação, marginalização e exploração das crianças: “No mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido [...]” (ARIÉS, 1981, p. 51).

Durante o período medieval, as crianças eram vistas como seres que poderiam ajudar economicamente a sua família, realizando trabalhos e até mesmo imitando seus familiares em suas ocupações diárias que futuramente serviriam para o exercício da sua profissão ou, no caso das mulheres, dos afazeres domésticos que serviriam para dedicar-se a cuidar da sua casa e família. Sendo assim, “não havia divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida” (ARIÉS, 1973, p. 10).

Além de serem vistos pela sociedade da época como indivíduos que não tinham racionalidade, na qual a sua maturação física e mental não eram notados com a devida importância, o que acaba diferindo suas ações e pensamentos aos de um adulto, sendo que “[...] os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII” (ARIÉS, 1981, p. 28).

As relações sociais constituídas a partir da Idade Moderna começaram a ganhar mais importância e passando a ser um fator determinante para que a criança fosse intitulada como indivíduo social e o centro das preocupações da sua família e da sociedade, que estas instituições passam a ser responsáveis em prover saúde e educação a esses indivíduos, neste momento os laços familiares ficam mais fortalecidos e havendo a aproximação afetiva entre seus pares.

Esta concepção foi modificada não só pelas famílias, mas por parte de toda

a sociedade, refletindo no ambiente escolar e nas práticas pedagógicas existentes na escola. De acordo com Ariès “[...] havia uma certa preocupação em colocar-se ao alcance do aluno e que isto opunha-se literalmente aos métodos medievais de simultaneidade ou de repetição com à pedagogia humanista que não distinguia a criança do homem e confundia a instituição escolar” (1981, p.173).

Dessa maneira, a afetividade marca a família moderna e passa a ser destaque nos estudos realizados no época, sendo compreendida como ponto de partida para entender as relações estabelecidas naquele período, vista como importante no fortalecimento dos laços afetivos por todos os membros da família que desempenha o papel não apenas de oferecer educação, saúde e recursos financeiros para seus filhos mas pela formação integral desses indivíduos.

A partir deste contexto, as crianças são vistas como agentes ativos que possuem vontades e pensamentos próprios, estas ideias foram refletidas nas instituições escolares que passam a assumir o papel importante na formação de valores e morais, sentimentos e na afetividade destes indivíduos. É evidente, que estes sujeitos estão condicionados ao processo histórico-social e pelas relações com seus pares, sejam eles culturais, sociais, econômicos, afetivos e entre outros. (ROCHA, 2002).

Diante disso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) traz a ideia de que:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelecem (BRASIL, 1998, p. 21).

Desde os primeiros anos de vida, as crianças passam por diversas situações e experiências através do meio que estão inseridos, o mundo que os cercam oferece uma rede de possibilidades para a interação com seus pares. É por meio da família, escola, igreja, comunidade e de outros grupos que a criança se relaciona com outros indivíduos e isso favorece o desenvolvimento das suas emoções, sentimentos e a manifestação da vida afetiva, essenciais para a formação integral desses indivíduos. Neste sentido, Osti e Noronha (2017) e Osti e Brenelli (2013) afirmam que é na

interação do sujeito com o mundo que as experiências se somam, se elaboram, são interpretadas e simbolizadas por cada um.

Portanto, é na infância que ocorre o desenvolvimento integral das crianças, nesta fase elas adquirem diversas habilidades e novos aprendizados que são essenciais para a construção da personalidade e em seu comportamento que são estabelecidos por meio da afetividade e da interação com seus pares. Almeida e Mahoney (2014) consideram que a afetividade se refere à capacidade de o ser humano ser afetado pelo mundo externo e interno, por meio das sensações agradáveis ou desagradáveis e que o sentimento é a expressão representacional da afetividade.

A partir disso, a escola assume um papel fundamental na inserção dos indivíduos na sociedade e em sua cultura, evidenciando a importância de uma pedagogia que não é meramente conteudista e que não leva em consideração a cultura do indivíduo, deve haver uma prática pedagógica em que a realidade do educando e suas formas de se expressar sejam valorizadas. Para Gil (2009), a sala de aula, muito mais do que um ambiente físico, é um ambiente social e afetivo em que o desenvolvimento intelectual dos alunos é afetado pelas relações vivenciadas nesse espaço.

Neste sentido, esta instituição propicia a construção do seu eu, pois é um dos agentes sociais que é responsável por formar cidadãos em suas dimensões cognitivas e afetivas para que assim tenham autonomia e senso crítico para lidar com as adversidades encontradas ao longo da sua vida. Gomes (2014) considera que os aspectos afetivos, especialmente as emoções, são biológicos, históricos e sociais e que, no contexto educativo, não devem ser considerados empecilhos à aprendizagem.

A afetividade é vista como instrumento facilitador no processo de ensino, em que os docentes ao mediar os conteúdos na sala de aula devem aproximá-los dos conhecimentos prévios que os discentes já trazem consigo e que foram adquiridos através do seu contexto familiar e das vivências afetivas e cognitivas estabelecidas fora da sala de aula. Permitindo que esses sujeitos adquiram novos saberes ou maior estabilidade cognitiva, além de motivá-los e despertar o interesse e a predisposição para que eles aprendam.

Fazendo assim que a sala de aula se torne um ambiente de partilha e não de mera transmissão, o que inclui a exposição de opiniões e discussões acerca das

questões trabalhadas em sala contextualizadas com as vivências de cada um dos envolvidos. Para Wallon, "A afetividade é definida como um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social." (1995, p. 288).

Portanto, as interações afetivas que são estabelecidas no contexto escolar são determinantes para que as atividades intelectuais, sociais e emocionais sejam desempenhadas e expressadas com mais clareza, quando se tem um ambiente onde há conflitos, os educandos acabam sendo afetados negativamente e conseqüentemente interferindo na sua aprendizagem em sala de aula. Diversos autores como Tassoni (2000); Mahoney e Almeida (2005) e Leite (2006), ressaltam que a afetividade é fundamental na relação educativa por criar um clima propício à construção dos conhecimentos pelas pessoas em formação.

As relações afetivas que são estabelecidas entre os diferentes indivíduos, no contexto estudantil são fundamentais para o ensino e aprendizagem. Sendo assim, uma base afetiva é requerida de modo a estabelecer nestes convívios um espaço de trocas, estes por sua vez, podem causar impactos e afetar neste processo, posto que ele é o mediador entre o aluno e os conhecimentos trabalhados na sala de aula, interações que promovam um bem-estar social e um melhor desempenho nas aprendizagens constituídas no recinto educativo.

Diante disso, a ausência desses laços afetivos podem trazer conseqüências negativas que interferem no ambiente escolar, em que os alunos podem se sentir desmotivados, não conseguir prestar atenção na aula e até mesmo ter comportamentos vistos como indisciplinados, o que acarreta em um distanciamento entre os alunos e professores, e conseqüentemente afetando a aprendizagem desses estudantes. Quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem e, portanto, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Conforme Caldeira (2013), a relação afetiva do professor-aluno tem que ser baseada no respeito mútuo, esse é o principal colaborador para tornar a sala de aula em um ambiente favorável à aprendizagem. Tal espaço favorável, inevitavelmente, precisa estar marcado pela afetividade. As relações afetivas, estabelecidas entre os estudantes, seus colegas e professores são valiosas para a educação, afinal compreendemos que a afetividade constitui a base de todas as relações das nossas vidas. Considerando que o processo educativo é permeado pelas relações sociais,

das quais a afetividade é peça essencial propícia para todas as relações estabelecidas, inclusive para uma atmosfera acolhedora no ensino e aprendizagem.

Embora, para muitos educadores, e até mesmo para os estudantes ainda que não conceitue, a afetividade seja caracterizada pelo contato físico e palavras cordiais comuns e necessárias, para os indivíduos que estão dando início a educação formal, como é o caso da Educação Infantil e Ensino Fundamental nos anos iniciais, adentrando em um novo ambiente de relações fora do âmbito familiar, a qual para Leite & Tassoni (2002) são de cunho biológico, voltando-se para as questões emocionais proveniente das reações físicas, “[...] primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional.” (LEITE; TASSONI, 2002, p. 4).

3.1 Relação afetiva professor e estudante

A apropriação dos conteúdos escolares, em consonância com Tassoni (2000), depende da relação estabelecida entre os sujeitos e objetos de conhecimento envolvidos no processo educacional. Entre eles, o elemento que exerce maior preponderância é a interação com o outro, contudo a apropriação efetiva dos conteúdos exige a presença de um mediador, o qual irá criar pontes utilizando de diversos dispositivos pedagógicos para facilitar o contato entre o aprendiz e o material cultural humano, objetivando promover a assimilação significativa dos objetos de conhecimento.

A ideia defendida pela autora, referenciada acima, nesse momento, centrada na atividade escolar, mostra que as ações didáticas, compreendendo que os conhecimentos trabalhados em aula são frutos das relações sociais, as quais estão sobre forte cunho afetivo, necessitam valorizar e abarcar em seu bojo a importância do contato com o outro para o enriquecimento e dinamização da aprendizagem.

A valorização das interações interpessoais, aqui focando nas relações estabelecidas entre professor e estudante, veiculadas aos instrumentos afetivos, trazem contribuições para a formação humana, capacitando o sujeito como um todo para uma leitura crítica e interventiva do mundo que o cerca por intermédio do aprendizado fomentado pelos conhecimentos escolares nas práticas educativas

desenvolvidas com seus pares.

Brait et al. (2010, p. 4) acolhe este pensamento afirmando que “[...] a construção do conhecimento não pode ser entendida como algo individual. O conhecimento é produto da atividade e relações humanas marcado social e culturalmente”. Desta maneira, é fundamental aproximar os conhecimentos científicos transmitidos e reelaborados na escola aos estudantes sem descaracterizá-los das experiências sociais da comunidade estudantil.

Sendo assim, partindo da concepção apresentada por Tassoni que para a internalização dos saberes as vivências dos sujeitos construídas na interação com o seu grupo social são determinantes logo que “a qualidade dessas relações sociais influem na relação do indivíduo com os objetos, lugares e situações [...]” (2000, p. 6). Evidenciando, assim, que os caminhos para aprendizagem estão sob influência dos aspectos afetivos os quais agregam valor aos objetos de conhecimento.

Neste caminhar, ponderando sobre como a afetividade é expressa na relação professor e estudante, recorreremos ao pensamento apresentado por Morales (1998), que é na “comunicação pessoal e orientação docente”. Apesar dele não situar sua pesquisa no domínio afetivo, todavia reconhece sua importância para a promoção de novos conhecimentos, da autonomia do educando e condutas, cooperação, valorização das expressões culturais e entre outras, requeridas no processo de socialização do saber.

No campo relacional, afunila-se para os aspectos ligados à cordialidade, respeito à pessoa do educando, reconhecimento das suas necessidades, esforços e capacidade. Tocante a relação docente, volta-se para o planejamento, seleção consciente dos conteúdos educacionais e abordagens que melhor se adequem aos objetivos que se propõem alcançar, às necessidades e interesses de aprendizagem do grupo atendido, buscando promover uma comunicação eficaz entre o aluno e o conhecimento.

Ademais, o autor aponta que o relacionamento educando e educador focado nos elementos de boa convivência como: ser carinhoso, tratar bem os educandos etc. não pode ser o cerne das atividades pedagógicas, embora o escritor afirme que essas atitudes são de extrema importância no âmbito educativo e estejam dentro do campo afetivo. Ideia reforçada por Ribeiro (2010), ao trazer que os discentes ficam mais motivados para aprender quando mantêm bom convívio com os professores.

Retornando ao pressuposto de que a educação é produto da interação

social e da intervenção humana sobre os recursos naturais, que por meio do trabalho modifica o ambiente natural ao mesmo tempo que se modifica (ARANHA, 1990). Devido seu caráter interativo, tanto o mediador do aprendizado quanto o aprendiz se influenciam mutuamente, em consenso com Morales (1998), autor supracitado.

O professor exerce sua influência sobre o discente no reconhecimento da importância do educando e valorização da sua presença em sala de aula, mostrando que ele é percebido, fundamental para o desenvolvimento das ações didáticas, as quais precisam se dar dialogicamente, expressando os objetivos do que está sendo trabalhado, disponibilidade para sanar as dúvidas, entre outras situações (Morales, 1998).

Tocante a influência do estudante sobre o professor, baseado no pensamento de Morales (1998) advém do retorno que a classe dá ao seu trabalho. Muitos percebendo que o seu fazer pedagógico não está rendendo como gostaria procura novos meios de atrair a atenção do educando e alcançar os objetivos de aprendizagem. Por outro lado, há aqueles que se culpabilizam e não sabendo como afetar os estudantes para o aprendizado decidem ir pela via de coesão, até mesmo abandono dos discentes vistos como desinteressados.

O percurso mais seguro é aquele em que professor e discente são companheiros no processo de ensino e aprendizagem, como observado por Lima:

Deve haver muito diálogo entre estes pares, para que se sintam valorizados e valorizadas, motivados e motivadas para as mudanças que devem ser implementadas. Diálogo no mais profundo sentido, em que os pares negociam, combinam, compartilham, “abrem mão”, por vezes, momentaneamente, para se construir algo em comum e não no sentido, muitas vezes presentes no ambiente escolar, de imposição de paixões, de disseminação de modismos teórico-metodológicos, jogos de poder, que tanto impedem o diálogo e promovem o fracasso da Escola (2006, p. 112).

Tendo isso em vista, o processo escolar unilateral e estanque não cabem mais para formação cidadã requerida pela contemporaneidade, pois as experiências de vida dos sujeitos são essenciais, as quais são carregadas e agregam valores afetivos ao processo, para a produção de significados dos conhecimentos e consolidação das competências cognitivas, habilidades sociais, emocionais etc. interferindo na forma que cada um ser, estar e agir no mundo (LEITE; TASSONI, 2002).

4 ENSINO E APRENDIZAGEM

O processo educativo é um fator primordial no desenvolvimento integral dos indivíduos, pois além de contribuir na construção de conhecimentos e aquisição de conteúdos escolares é responsável também por proporcionar a formação de sujeitos pensantes e críticos levando em consideração o fato de estar cercado por teias de relações sociais. Pois “(...) o ensino e a aprendizagem não acontecem em um âmbito isolado e neutro, mas dependem do contexto no qual se ensina e do comportamento humano dos participantes” (CHACÓN, 2003, p.147).

Com isto, uma ação didática significativa é aquela que pretende garantir a formação plena dos estudantes, respeitando suas particularidades e potencializando suas capacidades cognoscitivas, sua competências na resolução de problemas, ademais, a formação de valores, sentimentos e elementos relacionadas à afetividade juntamente com os aspectos cognitivos, a fim de proporcionar uma formação multilateral da personalidade do homem.

Silva e Oliveira afirmam que:

A relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende. Portanto é uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos. (2018, p. 153).

A ideia apresentada acima, contradiz o pensamento do filósofo Locke de que a mente humana é uma tábula vazia no que se refere ao pensamento (TERUYA et al., 2010), pois o autor considera que o estudante traz consigo conhecimentos que são adquiridos em ambientes fora do espaço educativo onde estão inseridos, casa, vizinhança, como também os meios de comunicação. Sendo assim, as relações estabelecidas entre o professor e educandos não devem ser baseadas em comandos (BELOTTI, 2011), e sim em uma troca interativa entre os atores envolvidos na atividade educativa.

Desta forma, na construção da aprendizagem, a escola tem o papel de mediar os conhecimentos que o educando já possui, advindos das experiências vividas no seu contexto social, com os saberes curriculares promovendo reflexões críticas. Tal processo pode possibilitar melhor assimilação dos conteúdos e proporcionar o desenvolvimento de habilidades sensório-motores, competências intelectual e valores éticos e afetivos.

A aprendizagem é vista como um processo de assimilação ativa de determinados conhecimentos em função da ação mental e física desses indivíduos, levando em consideração os fatores externos e internos que os influenciam, em toda a atividade humana nos levam a aprender, pois desde quando nós nascemos estamos aprendendo, e continuamos aprendendo ao longo de toda a vida, sejam em ambientes escolares e não-escolares. Sendo assim, a aprendizagem é mais que a apropriação por meio de uma exposição organizada e a proposição de um conjunto de atividades, envolve a interação entre os indivíduos e o seu meio (ASSMANN,1998).

Por esse lado, a escola deve valorizar os saberes que os indivíduos já trazem consigo por meio dos ambientes casuais, através das interações estabelecidas com os amigos, familiares, igreja e outros grupos que estes participam. Haja visto que, à medida em que nos comunicamos, observamos e interagimos com o meio iremos acumulando nossos próprios conhecimentos durante todas as fases da vida. Neste sentido, Skinner (1972) diz que um sujeito aprende quando produz modificações no ambiente.

O ensino é um dos elementos essenciais para todo o processo pedagógico, visto que, envolve aspectos que darão subsídios para que os professores conduzam o seu trabalho da melhor forma e que conseqüentemente para que os alunos consigam assimilar ativamente os conteúdos que foram propostos em sala de aula. O ensino consiste em dirigir, organizar, orientar e estimular a aprendizagem dos alunos (LIBÂNEO, 1990).

Diante dessa afirmação, o referido autor Libâneo (1993, p. 12) diz que:

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções.

Nesta perspectiva, o professor assume o papel de mediar os conteúdos que serão apresentados durante a aula, e todos aspectos que dizem respeito às condições internas que alteram as decisões didáticas, fazendo com que esses estudantes desenvolvam aspectos emocionais e cognoscitivos para a formação de cidadãos críticos que irão desempenhar um papel importante dentro da cultura em que está inserido.

Libâneo ressalta ainda que:

A assimilação dos conhecimentos e o domínio de capacidades e habilidades somente ganham sentido se levam os alunos a determinadas atitudes e convicções que orientam a sua atividade na escola e na vida, que é o caráter educativo do ensino. A aquisição de conhecimentos e habilidades implica a educação de traços da personalidade (como caráter, vontade, sentimentos); estes, por sua vez, influenciam na disposição dos alunos para o estudo e para a aquisição dos conhecimentos e desenvolvimento de capacidades (1994, p. 73).

No processo de ensino, deve haver o envolvimento tanto do professor como também dos educandos, deve-se considerar a disposição deles no ato de aprender, afinal o estudante não é um agente passivo que só absorve as informações, ele desempenha um papel ativo na construção do seu conhecimento. As experiências desenvolvidas pela sua participação e colaboração são pontos-chaves para a construção de saberes cruciais para o futuro.

Neste sentido, é atribuída ao docente a responsabilidade de criar condições e meios que permitam aos alunos o domínio dos conteúdos científicos e o aprimoramento das suas habilidades intelectuais e capacidades socioemocionais. Além de incentivar a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem, reflexão e na construção de uma consciência crítica acerca das questões presentes na sociedade, estimular a formação da sua personalidade e aspectos inerentes à afetividade, buscando norteá-los diante dos problemas e da sua vida real.

Como demonstra Libâneo (1990) o processo de ensino-aprendizagem é social, pois vem de uma atividade conjunta, compartilhada entre o professor e alunos, vinculadas ao social como as relações formadas no ambiente escolar. É construtivista, pois em conjunto professor e alunos constroem, elaborando os conhecimentos curriculares, mas também seus métodos de estudo, sua afetividade e aprende aspectos de sua cultura através da mediação do professor.

Portanto, é evidente a importância do envolvimento entre as partes, que mobilizem ações conjuntas que tragam mais significado à prática do professor permitindo-lhe repensar sobre práticas que condicionadas a este processo, tendo como ponto de partida os conhecimentos prévios desses alunos, possibilitando um ambiente dinâmico, atraente e que valorize a aprendizagem dos estudantes.

Deve-se pensar a escola como um ambiente atrativo para professores, alunos e os profissionais nela atuantes, para que estes possam se sentir convidados a participar desta atmosfera de conhecimento que dia após dia

é construída por professores e alunos, aproveitando o conhecimento prévio que é trazido por todos. É preciso que os docentes reinventem e reencantem a educação, tendo como foco uma visão educacional, usufruindo do conhecimento já construído e produzindo novas experiências no processo de ensino-aprendizagem dos educandos (BARBOSA; CANALLI, 2011, p. 1).

Atuar no processo de ensino e aprendizagem, é refletir e repensar constantemente sobre as práticas que serão desenvolvidas, questionando quais as ações necessárias para atingir os objetivos e quais são os objetivos a serem alcançados, a partir dos conhecimentos prévios essenciais para a construção dos novos aprendizados, levando em consideração os fatores externos e internos que influenciam os discentes dentro e fora da sala de aula.

As crianças, mesmo sendo indivíduos em tenra idade, trazem consigo valores, necessidades e visões de mundo, os quais vão contribuir para uma educação efetiva, sendo assim precisam ser respeitados, debatidos e reconstruídos dentro da sua realidade e dos assuntos em pauta na sociedade, fazendo pontes entre o hoje e o ontem de modo a dar suporte para formação de um cidadão consciente que possa opinar e agir ativamente na sua comunidade.

Neste sentido, a Base Comum Curricular Nacional (BNCC) como documento de caráter normativo que tem o objetivo assegurar as aprendizagens essenciais para o desenvolvimento dos alunos da educação básica. Sendo as competências definidas como:

[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2018, p. 08).

Trazendo ao longo do texto, o termo objeto de conhecimento que é compreendido como os conteúdos, conceitos e processos que serão abordados por meio das unidades temáticas com finalidade de desenvolver habilidades e competências que são essenciais para a formação desses indivíduos. Com isso, temos como exemplo, em Língua portuguesa, a habilidade "Segmentar oralmente palavras em sílabas" que trabalha com o objeto de conhecimento "Construção do sistema alfabético e da ortografia".

Sendo de suma importância, o ensino dos objetos de conhecimentos que tem a finalidade o desenvolvimento integral desses estudantes, pois visa aproximá-los dos temas que estão presentes em seu cotidiano além de ser

fundamental para os trabalhos interdisciplinares desenvolvidos em sala de aula, possibilitando que os professores trabalhem determinados temas em diferentes disciplinas escolares.

Além de permitir que os estudantes conheçam e aprendam esses conteúdos com a visão de um todo por meio de várias perspectivas por meio de cada matéria e não de forma isolada ou fragmentada com o olhar só de uma matéria, favorecendo a ação reflexiva sobre os problemas que os cercam e assim tornando-se imprescindível para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

Nesse processo, os estudantes não são vistos como meros depósitos que só recebem determinadas informações as quais não são contextualizadas com a sua realidade e que não fazem sentido na vida desses indivíduos, é notório que os docentes devem refletir sobre suas práticas pedagógica e com o desenvolvimento pleno dessas crianças. Pois, Chalita afirma que: “A educação não pode ser vista como um depósito de informações. Há muitas maneiras de transmitir o conhecimento, mas o ato de educar só pode ser feito com afeto, esta ação só pode se concretizar com amor” (2001, p. 12).

Em complemento a essa ideia, Barbosa e Canalli apontam que:

A diferença de educar seres humanos que se encontram nas primeiras etapas da vida é uma tarefa para os docentes que se preocupam na formação global do educando e não apenas na formação parcial, obtida em sala de aula. As demonstrações de carinho, bem como a afetividade nas palavras ditas pelo professor, resultarão no auxílio e conforto para o aluno, quando este necessitar acomodar as informações recebidas, sem que haja repulsão ou aversão ao conteúdo apresentado, ou até mesmo ao próprio ato de aprender algo novo (2011, p. 1).

Por estes motivos, torna-se imprescindível a ação educativa que seja voltada a proporcionar a estes sujeitos uma visão reflexiva em torno das problemáticas que estão envolvidos. Por isso, não podemos esquecer a importância das interações entre o professor e aluno que também contribui para o estabelecimento de uma relação positiva entre o sujeito e o objeto de conhecimento (FALCIN, 2006).

4.1 A educação e a importância do mediador

A educação é um fenômeno social presente nos mais diversos campos institucionais, seja ele formal ou não, posto que toda ação desenvolvida pelo ser humano independente do espaço onde ocorra é carregada de significados, sendo assim para sua compreensão exige dos seus pares a busca por conhecimentos anteriormente construídos pela comunidade local e/ou global. Isso se dá porque a interação entre os indivíduos é permeada de valores advindos de vivências produzidas nos mais distintos espaços socioculturais no qual está inserido, e a escola é um deles, e a assimilação dos saberes acontece mesmo que a sua transmissão não seja sistematicamente organizada (LIBÂNEO, 1990).

Aranha (1990) expõe que a educação em si humaniza e socializa o homem ao reproduzir as heranças sociais, um processo contínuo e coletivo que não se trata apenas da difusão de tradições, pois ao mesmo tempo em que transmite saberes históricos construídos pela humanidade em épocas e lugares diversos a educação deve tencionar a reformulação e elaboração de novos conhecimentos mediante a análise crítica contextualizando-os com a realidade da comunidade estudantil atendida fazendo relações com assuntos globais de modo a potencializar a aprendizagem e o poder de argumentação do educando.

Neste caso, é necessário entender e defender que o espaço escolar é composto por sujeitos diversos advindos de ambientes sociais, culturais e econômicos variados e, por vezes, adversos e esses aspectos influenciam na construção da sua identidade, na concepção de mundo e, conseqüentemente, na ótica de educação.

No tocante, semelhantemente, o professor, como também o aluno, é produto e sujeito de uma determinada cultura, uma vez que ele, como os demais seres humanos, é um ser social, gerado em um grupo identitário carregado de convicções, costumes que irão transparecer em suas ações seja no campo pessoal ou profissional, uma vez que é impossível desvencilhar essas dimensões, como nos afirma Nóvoa (2009), a “profissão docente” exige a presença do “professor-pessoa” e “pessoa-professor”, pois ainda que ocorra de maneira involuntária a atividade de ensinar carrega em si as subjetividades de quem a executa.

Porém, não se pode confundir uma ação docente consciente, articuladora do processo educativo com atitudes autoritárias e individualistas em que o professor

dita regras e segue roteiros previamente elaborados sem dar abertura para que outros profissionais da seara escolar os próprios estudantes para os quais as atividades desenvolvidas pelo educador pretende atingir, deem suas contribuições para reflexão do que está sendo pensado, tendo em vista as potencialidades do educando e suas deficiências pretendendo ultrapassar limitações mediante um planejamento dialogal para que tanto o ensino quanto a aprendizagem possa ser potencializados (DICKMANN, 2020).

Em suma, práticas pedagógicas impositivas, são sequelas do modelo educativo ditatorial que gestou a formação pessoal e profissional do professor, a conservação dessa postura em sala resulta em uma relação conflitante entre docente e discente, uma vez que tira a autonomia do educando, o qual se ver apenas como assimilador passivo de conteúdos descontextualizados da sua realidade.

Sendo assim, estes perdem sua relevância e papel como subsídios da formação humana, passando a ser apenas atividades mecânicas obrigatória para obtenção de um diploma que certifica que o indivíduo está apto para viver em sociedade e capacitado para o mundo do trabalho, o que, infelizmente, nem sempre acontece (SILVA, 2021).

Nesta perspectiva, os docentes para viabilizarem a promoção do educando, dentro e fora da sala de aula, precisam usar como instrumento motivador os interesses dos educandos a fim de dar sentido e funcionalidade aos conhecimentos institucionalizados, potencializando, assim, o processo de ensino e aprendizagem. Este cenário, está dentro das dimensões afetivas, sobre as quais envolve o reconhecimento mútuo das potencialidades dos agentes que fazem parte do contexto escolar, mais especificamente, o professor e o estudante, evidenciando desta maneira que a educação é uma ação comunicacional, interativa de saberes múltiplos, onde os conhecimentos científicos não são a única fonte de capacitação cidadã.

Destarte, o respeito e valorização dos múltiplos conhecimentos instrumentais produzidos no dia a dia dos indivíduos são mecanismos que viabilizam tanto a consolidação dos conteúdos escolares, quando bem utilizados, aumenta os vínculos entre docente e discente, quanto contribui para a produção de novos saberes, uma vez que estes são elementos dinâmicos e estão em constante reformulação e o ambiente escolar é espaço propício para este fim (LIMA, 2006).

5 AFETIVIDADE SOBRE UMA NOVA PERSPECTIVAS: 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

O 1º ano do Ensino Fundamental - Anos iniciais é marcado pela passagem da Educação Infantil, sendo esta última o primeiro contato social fora de um ambiente que lhe é familiar, sua casa e vizinhança mais próxima. A transição de uma etapa educacional para a outra causa um choque na criança, pois ela vai precisar se adaptar a uma nova realidade, com outras experiências de aprendizagem (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, a BNCC nos alerta para a promoção de um ambiente acolhedor, com continuidade e ampliação das aprendizagens desenvolvidas na fase anterior da escolarização e a introdução progressiva de novos saberes. Para tal, é inevitável trazer para sala de aula elementos do universo infantil amparados em “situações lúdicas de aprendizagem” (BRASIL, 2018).

Para esse propósito, o olhar afetivo do professor é imprescindível no reconhecimento das especificidades dessa fase da educação, que se dedica não somente a apreensão da linguagem alfabética e matemática, como também “(...) os registros midiáticos e científicos e as formas de representação do tempo e do espaço” (BRASIL, 2018, p. 58).

Outro ponto que é preciso se atentar são as peculiaridades do público atendido, crianças de 5 a 7 anos, dependendo do corte etário que é a data de matrícula, questão pontuada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (DCNs, 2013), em diferentes níveis de desenvolvimento intelectual e físico, advindas de situações sociais, culturais e econômicas distintas e adversas. Cabendo, assim, ao educador pensar abordagens diversificadas para o alcance efetivo das potencialidades dos seus estudantes.

Para alcançar as habilidades preestabelecidas, é necessário levar em consideração o nível de desenvolvimento de cada educando, pois embora se encontre no mesmo ano de escolarização os estudantes costumam apresentar ritmos diferentes de aprendizagem e aprendem de maneiras distintas, exigindo que o professor lance mão a diferentes propostas didáticas com o objetivo de proporcionar aos educandos a consolidação dos conteúdos curriculares (HOFFMANN, 2005).

O planejamento, nesse sentido, é indispensável no exercício educativo,

como nos afirma Vasconcellos (2002), partindo do pressuposto que planejar qualificar a ação didática, tirando do patamar de um fazer mecânico, prática imitativa, para uma atividade viva, em constante renovação.

Por compreender que o outro com quem está lidando pensa, questiona, possui sonhos e desejos, a prática pedagógica deve apoiar-se em um modelo interativo de educação em que o foco de toda atividade feita na escola seja o educando e a ampliação do seu repertório afetivo, linguístico, cognitivo, motor, cultural etc.

A ideia exposta por Vasconcellos (2002), para nós, tem correlação com o pensamento defendido por Morales (1998), apesar deste último autor chamar de “orientação apropriada para o estudo e aprendizagem”, ambos destacam a necessidade da organização do fazer pedagógico para a promoção de um ensino e aprendizado qualificado.

Para tanto, o diálogo, visto por nós, como um dos instrumentos afetivos na prática pedagógica, além do planejamento minucioso de estratégias didáticas viáveis para garantir a construção do conhecimento, em consonância com Alrø e Skovsmose (2007) excede de uma simples conversação, pois promove “(...) o encontro entre pessoas, a fim de “dar nome ao mundo”, o que significa conversar sobre os acontecimentos e a possibilidade de alterar seu curso” (ALRØ; SKOVSMOSE, 2007, p. 13-12).

Este momento possibilita a interação do docente com os estudantes, cria uma atmosfera de engajamento, proximidade e respeito entre os membros da turma, bem como possibilita enxergar o educando e o nível de desenvolvimento em que se encontra de outro ângulo, essa atividade ajuda o professor a perceber as necessidades e interesses da sua classe, fugindo dos métodos tradicionais de avaliação, mediante uma educação envolta nas teias da afetividade.

Todavia, para que esse movimento seja profícuo é indispensável o olhar atento e sensível do professor, mediante o que for observado ele planeje a melhor abordagem de modo a afetar a classe para o ato de aprender, promover o encontro e impulsionar sua sede pela busca do conhecimento (GALLO, 2011), desde os primeiros anos da Educação Básica utilizando mecanismos diversificados, entre eles os afetivos, “(...) que motivem seus alunos e despertam neles a curiosidade” (SOUZA; PAULA; ESPER, 2020, p. 132).

Contudo, por entender que os educando dos anos iniciais estão em

processo de maturação mental e especialização das competências motoras, a afetividade tende a manifestar-se, principalmente, “(...) sob a forma de emoções, sentimentos e paixões” (SOUZA; PAULA; ESPER, 2020, p. 134), bem como, por meio do contato físico, expressões de carinho.

Sendo assim, aos poucos os aspectos afetivos vão sendo aprimorados possibilitando que o educador introduza elementos simbólicos em consonância com o avanço do desenvolvimento da criança, nesse curso o educando adentrar em outro patamar de demonstrações afetivas que passará a ocorrer por meio da linguagem (LEITE; TASSONI, 2002).

Tendo isso em vista, a afetividade expressa pelos sentimentos e contato epidérmico nos anos iniciais da Educação Básica é um dos fatores de extrema importância para a dinâmica em sala de aula, visto que as relações estabelecidas nesse ambiente interferem na assimilação dos conteúdos que são propostos pelos docentes e na sua interação com a turma.

Tassoni (2008) afirma que os sentimentos e emoções produzidos na dinâmica interativa da sala de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento, ressalta ainda que:

A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer (p. 207-208).

Neste caminhar, os vínculos pautados na afetividade e no respeito com o outro são indispensáveis no decorrer de todo o processo de ensino e aprendizagem, onde as situações que ocorrem neste espaço escolar podem afastar ou aproximá-los dos saberes curriculares e conseqüentemente afetar a motivação e interação do ato de aprender.

De acordo com a análise e comparação dos dados obtidos a partir das referências bibliográficas, podemos afirmar que a afetividade é um elemento indispensável para o processo educativo. Sendo definida como um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social (WALLON, 1995). Esses aspectos são indissociáveis para o desenvolvimento das competências emocionais e das interações sociais dos indivíduos, possibilitando que ao relacionar-se com seus pares estes estejam em constante aprendizado por meio das experiências afetivas que vão adquirindo ao longo da sua vida.

Deste modo, os autores Almeida e Mahoney (2014) também consideram que a afetividade se refere à capacidade de o ser humano ser afetado pelo mundo externo e interno, por meio das sensações agradáveis ou desagradáveis e que o sentimento é a expressão representacional da afetividade. Assim, a afetividade acaba afetando a vida destes sujeitos e conseqüentemente interferindo na assimilação de novos conhecimentos no processo de aprendizagem.

Concordando assim com o RCNEI quando o documento aponta que:

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelecem (BRASIL, 1998, p. 21).

Neste sentido, é a partir das interações afetivas e sociais que há trocas de conhecimentos e são despertados desejos que os impulsionam a aprender mais a cada dia. Fernández (1991) diz que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vinculador.

É notório que diversos autores trazem a importância da afetividade não somente em seu processo de ensino e aprendizagem, mas também ao longo de sua vida. Além disso, segundo Ribeiro (2010) vários autores como Côté; Espinosa e Moll ressaltam que a afetividade é fundamental na relação educativa por criar um clima propício à construção dos conhecimentos pelas pessoas em formação.

Considerando a importância dos laços afetivos estabelecidos em sala de aula, Caldeira (2013) reforça que a relação afetiva do professor-aluno tem que ser baseada no respeito mútuo, esse é o principal colaborador para tornar a sala de aula em um ambiente favorável à aprendizagem. Por esse ponto de vista, Ribeiro (2010), traz que os discentes sentem-se mais motivados para aprender quando mantêm bom convívio com os professores.

Em virtude disso, é imprescindível que os vínculos estabelecidos dentro da sala de aula possibilitem a aquisição de novos saberes e que seja agradável para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, Libâneo diz que: “O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e

meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções” (Libâneo, 1994, p. 29).

Nesta perspectiva, é fundamental salientar que a intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer (TASSONI, 2008).

As referências de leituras encontradas nas pesquisas realizadas trouxeram algumas novas colaborações como Costa (2017); Gomes (2014); Martins e Santos (2020); Silva (2022) e Tabile e Jacometo (2017). Os pesquisadores também concluem em suas pesquisas, todas realizadas de modo qualitativo, a importância que a afetividade tem para a aprendizagem e o desenvolvimento pleno dos estudantes.

Além disso, a importância da afetividade é de extrema importância nas turmas de 1º ano do ensino Fundamental, visto quando a criança passa por uma transição de uma etapa educacional para a outra resulta em um choque para o estudante, pois ele vai precisar se adaptar a sua nova realidade, com outras experiências de aprendizagem (BRASIL, 2018), possibilitando a construção de novos conhecimentos e a interação social destes com outros indivíduos.

Portanto, os veículos afetivos que são estabelecidas no ambiente escolar são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental nos anos iniciais em que os estudantes passam por mudanças e têm que se adaptar a esta nova etapa educacional, além de potencializar as relações dispostas entre os educandos e os objetos de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção do trabalho observamos que o elemento afetivo cria um ambiente respeitoso por ser aberto ao diálogo, sendo desta maneira um dos suportes fundamentais no planejamento do professor, e conseqüentemente peça indispensável para a progressão do educando, pois o docente, de acordo com o observado em sala, poderá elaborar sua prática segundo a fase de desenvolvimento do discente, interligando os conteúdos curriculares com a realidade, saberes,

inquietações e motivações dos estudantes.

Os referenciais bibliográficos usados evidenciaram a existências de várias pesquisas, mas tivemos dificuldade em encontrar publicações recentes principalmente que tocassem sobre a afetividade na etapa educacional que abordamos no trabalho. Apesar disso, os estudos analisados apontam a importância da afetividade para constituição global do ser humano. Mas, mesmo reconhecendo o peso da afetividade no aprendizado, é preciso dizer que a mesma não é ferramenta salvadora de todos os problemas na aquisição do conhecimento.

Ainda assim, nossa pesquisa, apoiada nos documentos usados na sua elaboração, reforça a ideia de que a afetividade é figura constante em todos os processos do fazer pedagógico desde a seleção dos conhecimentos escolares, o planejamento, a escolha das abordagens à execução do fazer docente, situações essas dentro da relação didática, mostrando desta maneira que o caráter afetivo não pode restringir-se apenas “as dimensões mais relacionais”, o contato físico, atos de carinho.

Para tanto, é fundamental investir na formação docente, desde a graduação à formação continuada, de modo a aproximar o tema nos quesitos práticos, a fim de que o professor tenha o cuidado para não impor suas paixões baseadas na sua subjetividade, referências pessoais, mas sim para exercer seu dever ético, ele deve confiar na capacidade do educando, respeitando sua singularidade e buscar abordagens diversificadas e problematizadoras apoiadas no olhar afetivo com intuito de melhor auxiliar o estudante.

Não obstante, considerando que a educação é uma ação dinâmica e em cada turma, nas diferentes etapas de escolarização, a afetividade poderá ser expressa de formas distintas, ser mais tátil, reforço oral ou se utilizar de meios mais especializados, como é o caso da orientação didática, isso vai depender das características do grupo atendido, bem como o nível de complexidade dos conteúdos escolares e o desenvolvimento biológico do discente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ALRØ, H.; SKOVSMOSE, O. **Diálogo e aprendizagem em educação matemática**. Tradução: Orlando de A. Figueiredo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 160 p.

ANTONINO, E.; VIGAS, M. C.; PEIXOTO, M. F. (Orgs.). **Ação psicopedagógica**: uma contribuição para a construção do conhecimento. Salvador: Editora da Assembleia Legislativa da Bahia, 2012.

ARANTES, A.; AQUINO, J. G. (Orgs.). **A afetividade na escola**: Alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1990.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BARBOSA, F. R. M.; CANALLI, M. P. **Qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem?** EFDeportes, Buenos Aires, v. 16, n. 160, 2011. set. de 2011. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd160/a-importancia-da-relacao-professor-aluno.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BELOTTI, S. H. A. **Relação Professor/Aluno**. Revista eletrônica Saberes da educação. v. 1. n.1, 2011. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdfs/salua.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2022.

BRAIT, L. F. R. et al. **A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem**. Portal de Periódicos UFG, Goiás, v. 8, n. 1, 15 p. jan./jul. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/download/40868/pdf#:~:text=A%20rela%C3%A7%C3%A3o%20professor%2Daluno%20abrange,alunos%20a%20estudar%20e%20aprender.>>. Acesso em: 02. fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social**. Brasília, DF: Palácio do Planalto, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, DF: Palácio do Planalto, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05 fev. 2023.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CALDEIRA, J. S. **Relação Professor-aluno**: uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (XI EDUCERE). Anais do XI Congresso Nacional de Educação. Curitiba: PUC-PR, 2013. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8019_4931.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2022.

CASSOL, R. **Metodologia do ensino da geografia**: 4º semestre. 1º ed. Santa Maria: UFSM, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2005. E-book. 80 p. Disponível em: <<https://classroom.google.com/c/MzcxMzE1MzE0MzA0/a/MzQ2MTg5Mzc4NjMz/details>>. Acesso em: 09 out. 2021.

COSTA, G. F. **O Afeto que Educa**: afetividade na aprendizagem. 2017. 14 p. TCC (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/O-AFETO-QUE-EDUCA.pdf>>. Acesso em: 30 de out. de 2022.

CHACÓN, I. M. G.. **Matemática Emocional**: os afetos na aprendizagem matemática. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Scielo, Paidéia, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

DICKMANN, I. (org). **Educar é um ato de amor**. 1 ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020. p. 365.

FALCIN, D. C. **Afetividade e condições de ensino**: histórias de professores inesquecíveis. In: LEITE, S. A. S (Org.). Afetividade e práticas pedagógicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/my-drive>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

GALLO, S. **O Professor - Artista**: educação de si e revolução molecular In: Crítica Cultural e Educação Básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos. 1 ed. São Paulo : UNESP - Cultura Acadêmica, 2011. pp. 13, p. 15 - 27.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GOMES, C. A. V. **A relação sujeito-objeto e a unidade afetivo-cognitivo:** contribuições para a Psicologia e para a Educação. **SciELO**, v.18, n. 1, p.161-167. 2014.

Disponível:<<https://www.scielo.br/j/pee/a/nxjxQTRXQhg9gbBkbMbdjvQ/?lang=pt>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 1991.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em:<https://scholar.google.com.br/scholar?q=Introdu%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+pesquisa+qualitativa+e+suas+possibilidades.&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar>. Acesso em: 01 jun. 2022.

HOFFMANN, J. Quantidade ou qualidade em avaliação. In: HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 49-58.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1990.

_____. Didática. Os objetivos e conteúdos de ensino; Os métodos de ensino; São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Os métodos de ensino**. São Paulo: Cortez. 1994.

LEITE, S. A. S; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula:** as condições de ensino e a mediação do professor. In R. Azzi, & A. M. Sadalla (Orgs.), Psicologia e Formação Docente (pp. 113-141). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. Disponível em:<<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

LEITE, S. A. S; Dimensões afetivas na relação professor-aluno In: TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula:** as condições de ensino e a mediação do professor. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 47-74. Disponível em:<<https://scholar.google.com/scholar?oi=bibs&cluster=5078772647164704604&btnI=1&hl=en>>. Acesso em: 02 out. 2022.

LIMA, H. R. **Ser professor:** personalidade e profissionalidade. Olhares & Trilhas, Uberlândia, v. 7, n. 1,p. 107-114, 2006. Disponível em:<<https://seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/view/3603/2645>> Acesso em: 03 out. 2022.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Revista da Psicologia da Educação, n. 20, p. 11-30, jun. 2005.

Disponível:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MARTINS, A. C. A.; SANTOS, R. O. F. **Afetividade nas relações educativas: Uma abordagem da Educação Infantil**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 44, 2020. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/44/afetividadenas-relacoes-educativas-uma-abordagem-da-educacao-infantil>>. Acesso em: 7 set. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORALES, P. **A relação professor aluno: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1998. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=9JEwPS0CDUcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 abr. 2022.

NÓVOA, A. **Professores imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P. **Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem**. SciELO, Itatiba, v. 18, n. 3, set./dez. 2013.

OSTI, A.; NORONHA, A. P. P. **Associação entre afetos e representações envolvidas no ambiente de aprendizagem escolar**. Educação: Teoria e Prática, v. 27, p. 74-94, 27 abr. 2017.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações** - Curitiba: SEED/PR, 2018. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/bncc/2018/referencial_curricular_parana_cee.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 276 p.

RIBEIRO, M. L. **A afetividade na relação educativa**. Scielo, Campinas, v. 27, n. 3, p.403-412, jul./set. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yHSYRVgtXbrdFnBHw5BVsRc/?lang=pt>>. Acesso em: 10 maio 2022.

ROCHA, R. C. **História da Infância: Reflexões Acerca de Algumas Concepções Correntes**. ANALECTA, Guarapuava, v. 3, n.2, p. 51-63, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Rita-De-Cassia-Da-Rocha/publication/292993991_HISTORIA_DA_INFANCIA_REFLEXOES_ACERCA_DE_ALGUMAS_CONCEPCOES_CORRENTES/links/56b4c9bd08ae3c1b79aaf32b/HISTORIA-DA-INFANCIA-REFLEXOES-ACERCA-DE-ALGUMAS-CONCEPCOES-CORRENTES.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.; COOK, S.; KIDDER, L. Cap. 9 “O uso de dados disponíveis como fonte de informação”, in *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: Ed. Herder e Editora da Universidade de São Paulo, 1967, p.

355—386.

SEMED. **Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Maceió/ Secretaria Municipal de Educação.** – Maceió: EDUFAL, 2015.

SILVA, E. G. A. **afetividade na prática pedagógica e na formação docente.** 2015. 18 p. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual Vale do Acaraú do Estado do Ceará, Crato, 2015. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/a-afetividade-na-pratica-pedagogica-na-formacao-docente.htm#capitulo_1>. Acesso em: 26 out. 2022.

SILVA, L. T. S.; OLIVEIRA, C. L. Contribuições da didática e da técnica da discussão para o ensino do Direito. RDUNO, v. 1, n. 2, Jul - Dez/2018. p. 150-166.

SILVA, P. A. **Prática pedagógica dos docentes.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. São Paulo, v. 6, p. 117-125, fev. 2021. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/pedagogica-dos-docentes>>. Acesso em: 21 out. 2022.

SKINNER, B. F. **Tecnologia do ensino.** (Rodolpho Azzi, Trad.). São Paulo: Herder, Ed. da Universidade São Paulo, 1972.

SOUZA, G. H.; PAULA, T.; ESPER, M. V. **A afetividade nos anos iniciais da educação básica:** revisão de literatura. Revista Destaques Acadêmicos, [S.l.], v. 12, n. 2, ago. 2020. ISSN 2176-3070. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/2522>>. Acesso em: 10 set. 2022.

TABILE, A. F.; JACOMETO, M. C. D. **Fatores influenciadores no processo de aprendizagem:** um estudo de caso. Rev. psicopedag. São Paulo , v. 34, n. 103, p. 75-86, 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-8486201700010008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 ago. 2022.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem:** a relação professor-aluno. Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED, 1-17, 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2022.

_____. **A dinâmica interativa na sala de aula:** as manifestações afetivas no processo de escolarização. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Campinas, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/421265>>. Acesso em: 07 out. 2022.

TASSONI, E. C. M. Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise a partir da realidade escolar. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 524-544, 2013.

TERUYA, T. K. et al. **As contribuições de John Locke no pensamento educacional contemporâneo**. In: Anais da IX Jornada HISTEDBR. Belém: UFPA, 2010. Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://docplayer.com.br/11301226-As-contribuicoes-de-john-locke-no-pensamento-educacional-contemporaneo.html&sa=D&source=docs&ust=1675212205602388&usg=AOvVaw2Y-qTFwPVOpQ22_-Ux1d6Y>. Acesso em: 07 ago. 2022.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1Xg5pZFx8yFBKtq6uYkEW9NyWQN04z4i5/view>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 1995.